

Na terra do futebol, ela luta pelo golfe

Camila Nobrega
camila.nobrega@oglobo.com.br

Ela não é de tantos abraços, nem beijos. São os olhos o principal meio para acariciar ou dar um puxão de orelha nas 120 crianças e jovens entre 7 e 18 anos matriculados nas turmas do Golfe de Japeri. Esse é o jeito da carioca com sotaque americano Victoria Anne Whyte, que há treze anos recebeu um convite de moradores da cidade para ajudá-los a montar um campo de golfe inédito nas redondezas. Titubeou, mas acabou aceitando encabeçar o projeto que fundou o primeiro campo público de golfe no Brasil e apresentou o *hole in one* — a tacada perfeita — a pequenos moradores de Japeri, município com forte defasagem educacional apontada pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), onde o popular encontro de duas traves e uma bola reinava absoluto.

Embora tenha nascido no Rio, Vicky carrega não só no sotaque, como também no andar, e na postura, o jeito britânico. Filha de pai americano e mãe inglesa, ela foi enviada a uma escola interna na Inglaterra aos 12 anos, com as duas irmãs. A mãe achava que a educação no Rio de Janeiro não era suficiente, e resolveu enviar as filhas a uma instituição católica na Inglaterra. Do colo dela, Vicky saiu para uma rotina de três banhos contados por semana, quarto sem calefação no inverno, e sininho nas mãos da governanta todos os dias, às 6h da manhã. Sofreu, mas aprendeu a se virar e o significado prático

Obras do PAC ameaçam projeto

A primeira vez que o Razão Social noticiou o Golfe de Japeri, ele estava em risco por conta das obras do Arco Rodoviário, que estão inseridas no Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) e vão integrar o Porto de Itaguaí até o Complexo Petroquímico em Itaboraí, cortando toda a Baixada. Era agosto de 2009. Três anos depois, três dos nove buracos do campo já se foram, e em breve podem ir mais três. As obras estão a pleno vapor, e o trabalho no projeto continua, mas, além de perder o status de campo oficial — pela redução dos buracos — o campo perdeu a renda obtida a partir desse título. Não pode mais receber campeonatos oficiais.

Por enquanto, não há so-



lução. A alternativa oferecida pelo governo do estado foi a construção de um novo campo em Itaguaí, mas ela não foi aceita pelo projeto, pois mudaria o eixo da atuação e deixaria de atender os jovens de Japeri, onde o trabalho está sendo desenvolvido há 12 anos. Ou seja, o projeto ainda pede socorro, para que seja encontrada uma solução. A princípio, ele não vai acabar, mas se as obras continuarem avançando, será menos eficaz.

da palavra disciplina, duas lições que parecem estar na base da relação dela com os jovens do projeto.

Na lista das coisas que mais a incomodam encabeçam os atrasos dos adolescentes, e a displicência. Fones no ouvido em horário de aula são mortais e logo merecem um chamado.

— Não me conformo — disse — apontando um menino que ensaiava passos de dança, e não a atendeu no primei-

ro chamado. — Foi na Inglaterra também onde comecei a ver a filantropia, ou qualquer tipo de ajuda social, como algo normal, menos idealizado. Simplesmente, todo mundo fazia. E não digo só ajudar os pobres miseráveis. Ajudavam-se os vizinhos, os funcionários da instituição onde fui educada. Não era algo inusitado. Quem tinha mais arcava com mais na comunidade.

Filha de um americano fundador da Associação Brasilei-

ra de Golfe — criada, segundo ela, numa mesa de bar em Ipanema, em 1958 —, Victoria seguiu os passos da família, jogou torneios internacionais e se tornou também presidente da Associação Brasileira do esporte. Durante anos, foi *habitué* do Gávea Golf and Country Club, em São Conrado, mas, ao contrário da maioria dos praticantes do local, estreitou a relação com os funcionários do local. Como a maioria deles era de

Japeri, o trabalho foi de convencê-la a ajudá-los.

— Eu nunca tinha ido a Japeri e queriam que eu me envolvesse com a prefeitura para criar o campo público. Eu falei que me recusava. Na festa de Natal dos *caddies* no Golf Clube, eles apareceram lá com prefeito e tudo. Começou a história e, desde então, aprendo mais com eles do que já aprendi em qualquer lugar.

Caddie é o nome dado aos

carregadores de bolsas com tacos dos jogadores de golfe. Na década de 1990, depois que um morador de Japeri foi contratado no Gávea Golf, ele passou a indicar amigos. De início, o povo da cidade começou a estranhar aquela imersão no “esporte de grifino”, mas, como se tratava de uma boa oferta de emprego, surgiam cada vez mais candidatos. Em pouco tempo, já eram 35 *caddies* vindos de Japeri trabalhando em São Con-

rado. E, entre eles, o ex-garçom Jair Medeiros. Ele foi um dos primeiros, em 1990, e passou três anos para lá e para cá só carregando a bolsa de frequentadores, como Vicky. Passou a gostar do que via e, com incentivo dela, resolveu tentar jogar. Arrastou mais *caddies* de Japeri e, segundo ele, foi aí que nasceu a ideia da parceria:

— Não queríamos mais só ficar assistindo. Levei três anos ter coragem de dizer que

queria um taco para jogar também. Mas, quando comecei, não quis mais parar. Pareceu loucura no início, mas pensamos: vamos fazer um campo de golfe em Japeri.

A loucura, segundo ele, vem pelo fato de o município ser um dos mais pobres da região. Baixo IDH, sérios problemas na rede pública de educação e na infraestrutura básica, como saneamento e água marcam a cidade. Um campo de golfe ali estaria fora de



Fotos de Guito Moreto

VICKY WHYTE (à esquerda) coordena há 12 anos o Golfe de Japeri, fundado a pedido de *caddies* do Golf Club da Gávea para levar o esporte a jovens da cidade. À direita, alunos dos cursos gratuitos de golfe do projeto treinam

contexto, na cabeça dos próprios moradores. Mas não desistiram e o implantaram. De início, na marra, invadindo uma fazenda de gado e jogando em meio a bois e vacas. Mas, em 1999, com o apoio de Vicky, que reuniu empresários, o campo foi implantado. Hoje, parte da verba vem de um patrocínio da Oi, e o resto de vários apoiadores.

No início, eram 15 crianças, mas aos poucos o projeto foi chamando atenção, um vizinho indicou o outro e se fez a história. De lá, já saíram jovens que integram hoje seleções juvenis do esporte e competem em torneios internacionais. É o caso de Anderson Aparecido Pires, 1º no ranking estadual pré-juvenil, que vai competir na Inglaterra no meio do ano, no torneio júnior do mundial British Open. Ele treina de segunda a sexta todas as tardes no campo e, quando pode, ainda vai nos fins de semana.

— É o que mais gosto de fazer. Tem gente que critica, diz que é esporte de milionário,

mas isso significa que todo mundo tem que jogar futebol? Eu acho que não — disse o menino.

As aulas acontecem de manhã e a tarde, de terça a sexta-feira e são totalmente gratuitas. Os jovens ficam sob os olhares de um técnico chefe e mais cinco instrutores, entre eles o próprio Jair, co-fundador do campo. E não podem só jogar, é preciso ir bem na escola. O desempenho deles é acompanhado de perto, e os instrutores têm uma relação próxima com as famílias, já que, volta e meia, alunos faltam ou se afastam do esporte por conta de problemas familiares.

Muitos ficam no local durante quase toda a vida escolar, mas, como a própria Vicky assume, ainda sofrem com a falta de alternativas na hora de se desligar. Com a educação fraca oferecida nas escolas públicas do município, acabam em indústrias e em funções de prestação de serviços. Poucos são os que chegam à faculdade.